



Promotores Agroecológicos da Região Sul de Sergipe

Agroecological Promoters in the Southern Region of Sergipe

SIQUEIRA, Edmar Ramos de¹; RABANAL, Jorge Enrique Montalván²; SOUZA, Fernanda Amorim¹; FONTES, Marília Andrade²; SIQUEIRA, Pedro Zucon Ramos³

¹Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, edmar.siqueira@embrapa.br; fernanda.amorim@embrapa.br; ²Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, rabanal80@gmail.com.br; marilia_fontes@yahoo.com.br; ³Associação Jatobá, Aracaju, SE, pedrozucon@gmail.com.

Resumo: Considerando a importância do diálogo entre o conhecimento científico-acadêmico e os saberes das famílias camponesas para a inovação agroecológica, a pesquisa teve por objetivo identificar estratégias que podem acelerar esta integração, com reflexos positivos no desenvolvimento local. A metodologia consistiu da identificação de famílias em transição agroecológica e suas experiências na incorporação de novas abordagens. Esta identificação foi realizada considerando indicadores que evidenciam o grau de transição que as experiências se encontram e as estratégias que as impulsionaram para este nível de evolução. Os resultados evidenciaram que o envolvimento de toda a família é decisivo para a inovação. A inserção em ambientes de interação e em intercâmbios de conhecimentos também potencializam a capacidade de inovar da família. Concluiu-se que a formação de redes de intercâmbios de saberes pode provocar o despertar para o processo de inovação agroecológica no campesinato da reforma agrária do Território Sul Sergipano.

Palavras-chave: Campesinato, Agroecologia, Território Sul Sergipano, Nordeste, Brasil

Abstract: Considering the importance of the dialogue between scientific and academic knowledge and the knowledge of peasant families for agroecological innovation, the research aimed to identify strategies that can accelerate this integration, with positive impacts on local development. The methodology consisted of the identification of families in agroecological transition and their experiences in incorporating new approaches. This identification was made considering indicators that show the degree of transition that the experiences are and the strategies that have propelled them to this level of evolution. The results showed that the involvement of the whole family is decisive for innovation. The insertion in environments of interaction and in exchanges of knowledge also potentiate the capacity of innovating of the family. It was concluded that the formation of networks of knowledge exchanges can provoke the awakening to the process of agroecological innovation in the agrarian reform peasantry of the Southern Territory Sergipano.

Keywords: Peasantry, Agroecology, South Sergipano Rural Identity, Northeast, Brazil.



Introdução

Para ocorrer a inovação agroecológica é necessário que se organize um processo de interação com a cultura e ecossistemas locais e, nesta construção de conhecimento, ocorra a integração do conhecimento acadêmico e o saber camponês dos territórios.

Neste sentido a metodologia campesino a campesino (HOLT-GIMÉNEZ, 2008) foi sistematizada para identificar e socializar as experiências locais de transição agroecológica por meio de intercâmbios de saberes para contribuir para a inovação agroecológica no âmbito dos espaços de viver e produzir das famílias camponesas.

Neste contexto foi realizada uma experiência para potencializar a construção do conhecimento agroecológico na região sul de Sergipe utilizando a metodologia campesino a campesino ajustada para as condições específicas deste espaço rural (SIQUEIRA, et al., 2014).

Esta região, denominada Território Sul Sergipano - TSS, está constituída pelos municípios de Arauá, Boquim, Cristinápolis, Estância, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga D'Ajuda, Pedrinhas, Salgado, Santa Luzia do Itanhy, Tomar do Geru e Umbaúba, foi reconhecida por uma identidade inicial de citricultura, com conflitualidade entre produção em larga escala, para mercados mundiais e, a agricultura familiar camponesa, produzindo para mercados locais de circuitos curtos, como as feiras de agricultura familiar e agroecológicas e os mercados institucionais do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) (SIQUEIRA et al., 2010).

Os diagnósticos realizados no território apontam demandas pela diversificação da fruticultura e, sugere uma identidade de território camponês agroecológico, expressão que pretende significar famílias camponesas que se utilizam de técnicas e procedimentos que levam em consideração o cuidado com a terra e com as pessoas que nela vivem, potencializando as formas de reprodução social.

Os desafios socioterritoriais são a carência de extensão rural adequada e de sistemas de produção agrícola familiar de base ecológica, áreas alteradas e degradadas, escassez de cobertura florestal e uso excessivo de agrotóxico (SIQUEIRA et al., 2010).

O potencial do Território são o relevo e chuva favoráveis. Marcante atuação de movimentos sociais. Forte presença de Comunidades Tradicionais. Experiências de referência em transição agroecológica. Abordagem territorial em construção. Início de ATER agroecológica e pertinente e formas inovadoras de comercialização.



Os promotores agroecológicos representam o fundamento para que a metodologia “camponês a camponês” possa expressar o potencial de acelerar a inovação agroecológica e, neste contexto, a pesquisa teve por objetivo identificar estratégias que podem acelerar a integração entre o conhecimento científico-acadêmico e os saberes das famílias camponesas para a inovação agroecológica, com reflexos positivos no desenvolvimento local dos espaços rurais dos Tabuleiros Costeiros do Nordeste do Brasil.

Metodologia

O processo de identificação dos promotores agroecológicos consistiu de informações obtidas dos agentes da extensão rural, das lideranças dos movimentos sociais do campo que atuavam no âmbito de reuniões mensais do Colegiado Territorial e de diagnóstico rural participativo realizado no TSS (SIQUEIRA et al. 2010).

O conhecimento acerca das experiências destes promotores se ampliou com a realização dos intercâmbios para interação de saberes que se realizaram mensalmente entre os anos de 2012 a 2017.

O processo se iniciava por uma visita, chamada de pré-intercâmbio, com o objetivo de sistematizar a experiência junto com a família camponesa, em seguida era elaborado um boletim para registro escrito e compartilhamento durante o intercâmbio.

A metodologia empregada para realização dos intercâmbios foi a “camponês a camponês”, ajustada para este Território e durante o intercâmbio a família promotora do dia contava a sua história de vida e, especialmente, aquela relativa à unidade de produção agrícola e era realizada uma visita de campo à experiência, por meio de uma caminhada transversal (VERDEJO, 2007), momento de observação e mais prospecção de informações para sistematização do processo. Após a caminhada realizava-se uma avaliação da experiência por meio das perguntas: *o que tiraria, o que colocaria e o que leva como conhecimento* e, mais informações eram registradas.

Após um trabalho de análise das informações coletadas por meio de anotações, áudios e fotos eram realizadas as sistematizações e consolidadas na base de dados. Este processo propiciou a criação de redes de construção do conhecimento agroecológico e os boletins facilitaram a socialização e visibilidade das experiências dos promotores.

Para a compreensão do grau de transição das experiências e, entendimento de suas estratégias de inovação, utilizou-se a matriz de classificação, conforme Tabela 1,



com indicadores que contribuirão no entendimento dos estágios de evolução das experiências.

Tabela 1. Matriz de classificação do grau de transição agroecológica da unidade de produção - Adaptada de SOSA et al. (2013)

Classificação da transição agroecológica			
Estágio de transição	Fase 1 Início do caminho agroecológico	Fase 2 Avanço no caminho agroecológico	Fase 3 Consolidação do caminho agroecológico
	Início de participação em organização social para intercâmbios de conhecimento	Participação em organização social para intercâmbios de conhecimento	Participação e percepção do valor de atuar em organização para intercâmbio de conhecimentos
	Busca de práticas camponesas: como compostagem e guarda de sementes	Práticas e experimentação camponesas	Uso e conservação de práticas camponesas
Requisitos agroecológicos	Monocultura presente, mas sensível à necessidade de diversificação	Processos caminham para a diversidade de culturas e integração lavoura-animais-floresta	Elevada agrobiodiversidade e uso eficiente do solo, água, sementes, animais e árvores.
	Dependência de insumos externos, mas, pretende produzir seus próprios insumos	Processo de redução do consumo dos insumos externos em curso	Produção da maioria dos insumos internamente como sementes, fertilizantes e defensivos orgânicos
	Mecanização para os cultivos anuais	Mecanização exclusiva para aração em cultivos anuais	Tração animal e mecanização de pequeno porte em cultivos anuais
	Produção apenas para comercialização e dependência do mercado para alimentação da família	Redução da dependência do mercado com produção de alguns itens para alimentação da família e para comercialização	Produz a maioria dos alimentos consumidos pela família com comercialização do excedente
	Sensibilidade com a questão ambiental e produtiva	Relação de respeito na convivência com a natureza	Identidade camponesa e elevada consciência ecológica



Resultados e discussões

Os promotores agroecológicos identificados foram:

1. **Primeira experiência:** Casal e um filho de 19 anos, vivem num lote do Assentamento União da Vitória, que chamam carinhosamente de Priapu, no município de Santa Luzia do Itanh, um dos mais antigos do estado de Sergipe, criado há mais de 20 anos.

Sua produção é bastante diversificada: horta para produção de hortaliças, galinha, porco e vaca de leite. Tudo integrado: *“um cria o outro”*, o lote é muito bonito e bem cuidado.

A produção da família é suficiente para garantir uma alimentação saudável, com orgânicos de qualidade, produzidos no local, ou seja, a família tem autonomia alimentar. Quando a esposa chegou no assentamento, não sabia muito de agricultura. Ela era urbana. Veio por causa de seu esposo, que já entendia muito do assunto, assim como seus pais e avós. *“Ele sempre foi um verdadeiro agricultor”*, diz ela.

Foi seu companheiro que a ensinou. Sempre plantaram sem veneno e tendo como princípio, o respeito à natureza. Ela gosta muito deste trabalho com as plantas e com as galinhas. Diz se sentir realizada. Na criação de galinhas impressiona a diversidade, a beleza, e o tamanho das aves. Esta criação está integrada com toda a sua área produtiva: hortaliças, roça e pomar de frutíferas.

Um galinheiro muito asseado e organizado, onde ela cria em torno de cem cabeças no verão e, no inverno em torno de cinquenta, em um processo de choco, crescimento, engorda, coleta de ovos e abate, um ciclo completo.

Na comercialização não vendem nos mercados institucionais do PNAE e PAA, pois, não estão inseridos em nenhuma associação, requisito para ter acesso a esses mercados, então vendem os ovos e frangos, na cidade de Santa Luzia. Sempre se vende toda a produção, não faltam clientes devido à qualidade dos produtos.

2. **Segunda Experiência:** Casal, uma filha de 18 anos e dois filhos de 16 e 22 anos, no Assentamento Paulo Feire II, em Estância.

Ele nasceu em Boquim, onde era trabalhador rural na colheita de laranja. Mas se dizia muito distante da agricultura, pois seu trabalho era basicamente o de colheita dos frutos, como empregado. Após a conquista da terra no processo da Reforma Agrária, reformulou sua vida. A família trabalha de forma cooperativa, onde todos assumem tarefas bem definidas, desde a produção, passando pelo beneficiamento dos produtos e chegando na comercialização. O envolvimento da família foi determinante para a permanência dos jovens no assentamento.

Produzem de modo integrado e diversificado, com uma prática que a própria família adaptou e que chamam de *“roça do futuro”*, inspirada na agrofloresta sucessional (SAF's).



Com base nos princípios dos SAF's produzem uma grande diversidade de culturas: hortaliças, milho, feijão, mandioca, laranja, limão e, muitos outros.

A família tem autonomia alimentar com o que é produzido na unidade, pois afirmam que o que vem de fora é muito pouco. Alguns gêneros foram substituídos na alimentação para ampliar essa autonomia, como o óleo de soja, por exemplo, que foi trocado pelo óleo de coco. Além disso, realizam trocas com outras famílias de gêneros alimentícios que não produzem.

O beneficiamento, como a desidratação de frutas, agrega valor aos produtos e ocupam a mão de obra familiar. A comercialização é realizada em duas feiras semanais, onde a jovem filha faz todo o trabalho de divulgação e articulação, organizando os produtos e a logística de transporte.

3. Terceira Experiência: Casal com um filho de 13 anos, no Assentamento Rosa Luxemburgo, em Estância. Ele nasceu em Boquim e também era catador de laranja, dos sete aos trinta e oito anos.

No lote pequeno, já tiveram um sistema "PAIS" (SEBRAE, 2012) e, agora tem uma horta bem diversa e seguindo os princípios agroecológicos. Usa a agrofloresta sucessional no lote grande, que será uma área de floresta de alimentos com frutíferas perenes e diversificadas com madeiras de lei.

A produção é marcada pela grande diversidade de cultivos, cobertura do solo e rotação de cultura. Cultivam alface, banana, berinjela, caju, cebolinha, coentro, couve, inhame, jaca, mamão, manga, milho, mostarda, rúcula, tomate e outras. A comercialização é realizada no próprio lote: *"Para vender não falta comprador. Vem buscar aqui"*.

Ele é um camponês conhecido por sua solidariedade, já presidiu duas vezes a Associação, recebe e orienta muitas pessoas que o tem como referência. Está sempre de boa vontade, bom humor e disposto a ajudar quem lhe procura.

4. Quarta Experiência: Ele trabalha com o pai, a mãe e um tio num lote do Assentamento Pau Torto II, em Santa Luzia do Itanhhy.

A família trabalhou durante muito tempo com a citricultura, mas, agora o foco é a produção de leite. Produzem milho, batata doce, mandioca, além do capim. Estão preparando a área com base nas orientações da metodologia "Balde Cheio" da Embrapa.

Conforme orienta o processo, estão também investindo na recuperação das matas ciliares, com plantio de espécies florestais e frutíferas, usando a agrofloresta sucessional.



Encontra-se desenvolvendo bem o açaí, banana, caju, jenipapo, pau-pombo, gliricídia, leucena e pau-d'arco.

Para o gado tem um curral simples, mas, funcional. Todo construído com madeiras roliças da região e coberto com palhas de babaçu.

Tem sete bezerros que são da segunda cria de suas vacas. A alimentação do rebanho é de capim elefante, manivas de mandioca e capim de rama que passam pela forrageira de 2cv de potência. Na época de leite a dieta é complementada com farelo de soja.

Vendem leite *in natura*, mas também fabricam requeijão, ricota e iogurte para o consumo familiar.

5. Quinta Experiência: ele foi camponês toda vida e planta desde sempre como seus pais e avós: *sem precisar nada de químico. Só do jeito que a natureza faz.*

Sem terra antes e, a partir de 2008, com um lote no Assentamento Carlos Gato, Arauá. Vive exclusivamente para sua roça. Da produção ele a divide em duas, parte vende para um atravessador e a outra é para o sustento da família.

São oito filhos que vivem na cidade, mas sempre que não estão empregados o ajudam na roça ou fazendo farinha.

Planta com diversidade: milho, feijão, mandioca, macaxeira, mamão e verduras. O cultivo que direciona para a venda é o de mandioca que produz em grande quantidade.

Com relação ao preparo do solo ele deixa a vegetação arbustiva crescer no lote e depois incorpora esse material no momento do plantio, segundo ele, esse é o seu adubo, complementado com esterco do gado e das galinhas.

6. Sexta Experiência: ele nasceu em Pedrinhas e chegou na colônia Sucupira, Arauá, em 1971. Camponês há 40 anos, se diz *muito realizado*.

A não utilização de empréstimo para pagar o lote o deixa muito satisfeito ao falar que quitou sua dívida com sua própria produção, que no princípio era de fumo e maracujá, hoje não mais existente e substituída por mandioca, laranja, coco e hortaliças.

Nas catorze tarefas do lote, cultiva palma e capim de corte para alimentar os animais (bode, gado, galinha); mamão, mandioca branca, feijão guandu, laranja, coco e hortaliças: salsa, coentro, alface, couve, tomate, para consumo próprio e comercialização.



Explica como sua plantação sobrevive aos tempos de escassez da chuva: *isso aqui é adubo preto [composto orgânico] feito com as folhas secas das plantas, estrumo e urina de gado. E é a urina que fortifica, explica. Mais composto na terra, menos sofre com a seca.*

Afirma que macaxeira plantada em pleno verão resiste à escassez e *tudo é feito sem o uso de agrotóxicos*. A comercialização se dá pela cooperativa, sem atravessadores ou créditos de bancos.

Observa-se as culturas em pleno desenvolvimento apesar da seca e da não utilização de irrigação, com exceção da horta.

Qual o segredo? *Uma coisa que é importante é que tenho a palma e o capim de corte para alimentar o gado que dará o adubo para as minhas plantas.*

7. Sétima Experiência: Casal com quatro filhos no Povoado Monte Alegre, em Itabaianinha, região de solos férteis.

Tranquilidade do campo, qualidade de vida e soberania alimentar; produzimos 85% dos alimentos que consumimos.

Obsessão de melhorar sempre e grande diversidade na produção: abóbora, alface, banana, beringela, cacau, canela, cebolinha, coentro, couve, fava, feijão, inhame, jaca, laranja, mamão, manga, milho, mostarda, noni, pimentão e quiabo.

Caminham para uma produção 100% orgânica. *Era por falta de conhecimento, mas, agora o temos e, faremos.*

Comercializam na feira da agricultura familiar: quarta em Itabaianinha e sábado em Estância. *Dez, onze horas da manhã já acabou tudo*. Clientela fidelizada pela diversidade e qualidade dos produtos.

Autonomia de mão-de-obra: *nunca dei um dia de trabalho fora.*

8. Oitava Experiência: Casal com três filhas e uma netinha, formam uma família camponesa agroecológica já que se enquadram de forma integral nos princípios desta nova abordagem do campo.

O Assentamento é o José Egídio e o município é Indiaroba.

A esposa nasceu em Tomar do Geru e, ele, no Povoado de Campo Grande em Nossa Senhora das Dores.



Cultivam laranja, limão, tangerina, acerola, caju, abacaxi, maracujá e, ultimamente, com o açaí. Já teve também uma boa horta, mas, devido ao forte verão seco teve que fazer uma pausa. Uma nova horta, diversificada com algumas frutíferas vai surgir no seu lote.

Além dessa produção, trabalham com a apicultura, que é um capítulo à parte: são 28 caixas, com manejo que garante uma produção de mel orgânico, de boa qualidade.

A produção é vendida na feira e a garantia da renda é a diversidade de produtos que são comercializados reconhecidamente como orgânicos e de ótima qualidade. As meninas ajudam no preparo dos produtos para comercialização.

Os remanescentes de mata atlântica estão bem preservados no lote. O cultivo de açaí complementa e amplia a área coberta pela floresta. As culturas, a floresta e o relevo do lote formam diversas paisagens, de grande beleza cênica, que abrem perspectivas para um turismo ecológico de base comunitária.

9. Nona Experiência: ele toca sete instrumentos musicais e além disso: cria galinha, peixe, gado, cultiva a terra e faz artesanato na Ilha Men de Sá, Itaporanga D'ajuda. Jovem de quarenta e quatro anos, nasceu e, continua morando neste local, que por sua beleza e tranquilidade, é considerado um verdadeiro paraíso.

É um dos nove filhos que, com exceção de um que foi para São Paulo, moram na Ilha e formam um coletivo harmonioso para o trabalho com a terra e a criação de peixes. Têm um viveiro de bom tamanho para criação de camarão, que fica ao lado do rio, na chegada da propriedade. Ele mora e trabalha num pedaço de terra de duas tarefas.

Cultiva com os princípios da agrofloresta sucessional, que observou quando trabalhava num campo experimental da Embrapa, que fica próximo à Ilha: *...não tem mistério: é só decidir o quer plantar e começar....*

Tem muita coisa nessas duas tarefas, mas, o foco é produzir frutíferas, principalmente, para o consumo da própria família, como faz com as galinhas.

O solo vem sendo enriquecido com este jeito de cuidar da terra: *poucos anos e já faz toda a diferença.*

Conclusões

As experiências sistematizadas apresentam um grau avançado de transição agroecológica desses agroecossistemas, onde se pode observar a inserção em movimentos sociais do campo, autonomia na alimentação da família, produção de



insumos, integração de atividades, alta agrobiodiversidade e a cobertura do solo, que foram constatados nestas experiências e, que cumprem um papel estratégico no caminho da inovação agroecológica (SOSA et al., 2103).

O envolvimento de toda a família com os trabalhos do dia-a-dia na agricultura, a diversificação das culturas e a inserção em redes de intercâmbios de saberes sugerem ser estratégias eficientes no processo de inovação agroecológica do campesinato da reforma agrária do território Sul Sergipano.

Referências bibliográficas

HOLT-GIMÉNEZ, E. Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable. Managua, 2008. p. 294.

SEBRAE. Manual/documento referencial – versão 2.0 – para orientar os Estados (SEBRAE/UF) na elaboração das propostas e projetos na disseminação da “Tecnologia PAIS em todo o Território Brasileiro. SEBRAE (DF), Brasília, 2012. Disponível em http://www.planetaorganico.com.br/arquivos/MANUAL_TR_PAIS_2012_-_Vers%c3%a3o_2_0_-_Doc_Referencial_PROJETO_PAIS.pdf.

SIQUEIRA, E. R.; COSTA-ALVES, A.L; SILVA, M. A. S; TAVARES, E. D; OLIVEIRA, T. C; ARAGÃO, A. G. Diagnóstico para geração e transferência de tecnologias, produtos e serviços. *In*: SIQUEIRA, E.R; SILVA, M.A.S; ARAGÃO, A.G. **Território Rural Centro Sul de Sergipe**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2010.

SOSA, B.M.; JAIME, A.M.R.; LOZANO, D.R.A.; ROSSET, P.M. **Revolução Agroecológica: o movimento camponês a camponês da ANAP em Cuba**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SIQUEIRA, P. Z.; SOUZA, F. A.; RABANAL, J. E. M.; FERREIRA, K. C.; FONTES, M. A.; SIQUEIRA, E. R. de. Ajuste da Metodologia “Campesino a Campesino” em Sergipe, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v.9, n.4, 2014.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA); Secretaria da Agricultura Familiar, 2007. 62 p.